



SEXUALIDADE COMO TEMA TRANSVERSAL: entre o proposto e as práticas pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental

C A F ¹
M T W A ²

RESUMO

Este artigo procura analisar como a questão Sexualidade é abordada em sala de aula a partir das necessidades dos alunos do 5º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Realizou-se o estudo em uma escola da rede municipal de Aragarças-GO em duas turmas de 5º Ano, A e B, com entrevistas a alguns professores responsáveis pelas turmas. Optou-se pela pesquisa qualitativa e exploratória, partindo de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual (2001) e alguns autores como Furlani (2016) e Louro (2013). Concluiu-se que os alunos possuem sim necessidades de esclarecimentos acerca do tema sexualidade e que os professores, apesar da pouca instrução sobre como abordar essas questões, esforçam-se por fazê-lo, entretanto, a forma de abordagem não se estabelece de maneira a efetivar esclarecimentos sobre os diversos elementos que compõem a sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade e a criança. Tema transversal. Orientação sexual.

INTRODUÇÃO

No Brasil, em meados dos anos 80, viu-se, entre os educadores, a necessidade de abordagens referentes à sexualidade nas instituições de ensino devido aos altos índices de gravidez e de contaminação por HIV (AIDS) entre os adolescentes. Entretanto, como a sexualidade era tida, ainda, como tabu, havia a dificuldade em definir metodologias para desenvolver atividades capazes de envolvê-la. Nesse sentido, ela passou a ser pertinente como tema transversal por proporcionar ao aluno possibilidade para construir conceitos sobre sua própria sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em seu volume sobre Temas Transversais: Orientação Sexual, estabelecem objetivos para serem alcançados com a temática, além de apresentarem diretrizes que tornem possível o seu ensino durante o Ensino Fundamental. Ao trabalhar Orientação Sexual nos Anos Iniciais, o documento

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional com Ênfase na Educação Inclusiva no Centro Universitário Cathedral – MT, cristianearaujo19@hotmail.com

² Professora Orientadora. Mestra em Educação nas Ciências – UNIJUÍ/RS – Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Cathedral – UniCathedral, marliwadams@gmail.com



orientador busca fornecer ao professor subsídios que possibilitem ao aluno construir suas próprias ideias sobre sexualidade de maneira crítica, participativa e saudável.

É nessa perspectiva que esta pesquisa apresenta como problema o seguinte questionamento: de que modo os professores abordam questões sobre sexualidade em sala de aula nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em específico no 5º Ano? A escolha dessa etapa dos anos iniciais foi pensada a partir do pressuposto da faixa etária (10 -11 anos), período da pré-adolescência onde se manifesta com maior frequência questionamentos sobre o tema.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo precípuo analisar como a questão Sexualidade é abordada em sala de aula a partir das necessidades dos alunos do 5º Ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto se fez necessário delinear alguns objetivos específicos, como elencar alguns conceitos referentes ao tema sexualidade; verificar a relação do que o professor trabalha em sala de aula com o proposto nos PCNs, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Projeto Político-Pedagógico da instituição; averiguar se esse trabalho atende às necessidades do público em questão e compreender como essas abordagens podem auxiliar no desenvolvimento psíquico e social da criança.

Muitas são as razões que culminaram no interesse de desenvolver uma pesquisa sobre a temática Sexualidade nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O tema foi pensado durante o estudo de determinadas disciplinas quando foi possível observar como alguns autores afirmam ser a sexualidade parte fundamental do ser humano e necessitando especial atenção na infância e, durante as experiências com estágios e projetos, esse interesse se solidificou. Assim, a definição do tema ocorreu a partir da necessidade de obter mais conhecimento sobre como são desenvolvidas em sala de aula, estudos e atividades referentes à Educação Sexual e quão importantes essas atividades podem ser para a criança.

O desenvolvimento deste artigo se dará de forma que, em um primeiro momento, discorrer-se-á sobre o alicerce teórico que subsidiou todo o processo de construção da parte textual do trabalho sobre A Sexualidade e a Infância na Escola, dividindo-se em 3 seções: a primeira irá tratar da sexualidade e do desenvolvimento do ser humano; a segunda explanará sobre as abordagens referentes à temática nos PCN's – Orientação Sexual; posteriormente, apresentar-se-ão alguns conceitos pertinentes para a compreensão do tema da pesquisa. Em seguida, dar-se-á a etapa de análise dos dados



obtidos durante a pesquisa de campo e documental e a discussão deles a partir da fundamentação bibliográfica. Por conseguinte, concluir-se-á o texto com algumas considerações sobre a relevância da referida pesquisa e de sua importância para o trabalho desenvolvido em sala de aula.

METODOLOGIA

A referida pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória e, em seu aporte bibliográfico, utilizaram-se estudos já existentes para fundamentar a parte teórica e discussão do trabalho, por ser pertinente seja qual for o trabalho acadêmico-científico ocupando lugar de relevância entre as experiências acadêmicas. Para oferecer suporte teórico a essa pesquisa, inicialmente, fez-se uso dos seguintes referenciais: Furlani (2016), Parâmetros Curriculares Nacionais – Orientação Sexual (2001), Louro (2013), dentre outros.

Durante o levantamento de informações, a pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede municipal de Aragarças-GO, por meio de observação em sala de aula e de entrevista semiestruturada para que fosse possível obter respostas mais espontâneas do entrevistado, o professor regente da turma. Ainda sobre os procedimentos técnicos, esse trabalho empregou a pesquisa documental em razão de que foi imprescindível para os fins propostos o estudo e análise do Projeto Político-Pedagógico da Instituição, os Parâmetros Curriculares Nacionais - Orientação Sexual e a BNCC com o propósito de averiguar como a escola traz em sua composição as diretrizes referentes à temática.

O INDIVÍDUO E A SEXUALIDADE

O interesse por estudos que proporcionassem maior conhecimento sobre a sexualidade nas disciplinas escolares começou quando muitas manifestações de caráter sexual se iniciaram no final dos anos 1980. Essas manifestações se originaram da urgência social por mudanças em muitos paradigmas, e por muitas questões reprimidas até então, tal como indica Louro (2013, p.127): “[...] a influência mais específica de movimentos políticos feministas, gays e lésbicos; o impacto da emergente pandemia do



HIV/AIDS; e a preocupação crescente com as dimensões culturais de saúde reprodutiva e sexual”.

A sexualidade pode ser definida de várias formas, segundo o contexto social e econômico em que se busquem esses conceitos, sendo entendida como a necessidade de receber e expressar afeto e contato, capaz de trazer intrínsecos prazer e outras sensações agradáveis, não se limitando somente ao ato sexual em si. De uma maneira mais abrangente e a partir das leituras em Louro (2013, p. 39), a sexualidade é definida como “[...] uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas”.

O ser humano foi constituindo sua sexualidade ao longo do seu desenvolvimento sociocultural, ampliando e percebendo seu conceito e concepção estabelecendo-se esta, como expõe Louro (2013. p. 11) numa “[...] invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’[...]”. Ainda assim, durante esse processo, assuntos referentes ao tema eram tidos como inapropriados em algumas culturas e/ou ambientes. Isso, ainda, é observado quando discussões e esclarecimentos em qualquer grupo social, inclusive nas escolas, são atenuados ou até mesmo evitados.

Assim, discussões sobre sexualidade são reprimidas em diferentes âmbitos sociais, no familiar, no profissional e nas escolas por trazerem consigo outras questões que também precisam ser abordadas e repensadas, como: “as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças; a questão da diferença, seja de classe, gênero ou raça” (LOURO, 2013. p. 54).

A CRIANÇA E A SEXUALIDADE

Discussões sobre a sexualidade infantil começam a ser abordadas com o neurologista e psicanalista Sigmund Freud (1856-1939), no final do século XIX, ao declarar que a criança não era tão pura quanto se pensava, garantindo que desde bebê já possuía desejos e prazeres sexuais, ainda que de maneira inconsciente. Fiori (2003, p.36), de acordo com estudos em Freud e comprovações científicas sobre a existência da



sexualidade já na infância, afirma: “É pela boca que fará sua primeira e mais importante descoberta afetiva: o seio. O seio é o primeiro objeto de ligação infantil”.

Não obstante, muitas pessoas resistem à ideia de que a criança necessita de orientações mais específicas sobre esse tema, até mesmo alguns profissionais da Educação, ao insistirem em concebê-los como seres puros e livres de tudo o que se refira ao sexual, não reconhecendo a importância das manifestações nessa etapa de formação do indivíduo como ser social e político. Os educadores, ao contingenciar conversas sobre sexualidade em sala de aula, deixam de se comprometer com mudanças sociais, pois, assim como escreve Furlani (2016, p.40), quando estes “devem procurar perturbar, sacudir as formas de se posicionarem perante as discussões da educação sexual que, tradicionalmente, vêm sendo realizadas no Brasil”.

Desde seu nascimento a criança recebe tratamentos diferenciados segundo seu sexo, o que acaba por pré-estabelecer suas manifestações e expressões no que se refere à sexualidade, constituindo assim sua identidade. Desse modo, durante esse processo constitutivo do ser humano, a sexualidade, como parte integrante de sua fisiologia, demanda especial atenção por parte dos profissionais da educação como responsáveis pela criança nessa etapa no que concerne à escola.

SEXUALIDADE E SUAS CONCEPÇÕES

Antes de discorrer sobre Orientação Sexual nas escolas, é importante conceituar os termos “orientação” e “sexual”. Por orientação, entende-se o ato de mostrar a direção, caminho a seguir; já o significado de sexual pode ser mais amplo, porém, no que cerne ao estudo em questão, diz respeito a tudo que pertença ao sexo. Assim, Orientação Sexual na escola se define como conjunto de fazeres pedagógicos a fim de propiciar ao aluno meios para que ele mesmo estabeleça seus valores e conceitos sobre sexualidade. Desse modo, nos PCNs essa prática é entendida “[...] como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções [...]” (BRASIL, 2001, p.121).

A necessidade de trabalhar Educação Sexual nas escolas surgiu com mais precisão no início dos anos 1990. Além dos altos índices de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada entre os adolescentes, outro fator que culminou na necessidade dessa abordagem nas salas de aula foram os meios de



comunicação. Com o aumento da abrangência da mídia televisiva, também veio o aumento do fácil acesso das pessoas a informações, inclusive as de teor sexual. Até então, os pais controlavam o que as crianças podiam ou não podiam saber sobre sexualidade. Sob esse panorama, surgiram dúvidas, especulações e curiosidades acerca de suas próprias sexualidades.

Essas dúvidas chegaram à sala de aula sem o professor estar preparado para respondê-las, constatando-se então a inevitabilidade de orientações que tornassem possível responder a esses questionamentos. Porém, até que se percebessem essas angústias por parte dos alunos, as aulas ainda eram trabalhadas pelo método tradicional, ou seja, não era permitido levantamento de questões de tal cunho. Quando deparados com situações que envolviam sexualidade, os professores se viam perdidos, como afirma Louro (2013, p.86): “Num contexto desses, as discussões morrem, todo mundo começa a olhar para o relógio e os/as estudantes saem da aula sem ter obtido qualquer compreensão sobre suas preocupações, sobre seus desejos, sobre relações sexuais”.

Nesse contexto, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1997, reconheceu a necessidade de haver um documento que oferecesse aos profissionais da educação orientações e subsídios para que eles auxiliassem as crianças na compreensão de sua sexualidade, ao oficializar os Parâmetros Curriculares Nacionais – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Com ele, o professor passou a ter um maior acesso a materiais que o auxiliassem nesse processo em sala de aula.

Assim, o professor passa a respeitar o direito que toda criança possui de acesso a informações que possibilitem seu desenvolvimento integral, do cognitivo ao emocional, pois essas informações não podem se limitar às séries que compreendem do final do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Sobre essa questão, Furlani (2016, p. 67) aponta que “O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência”.

A partir do entendimento da necessidade que a criança possui de conhecer sua sexualidade, faz-se imprescindível deixar a ideia de que o tema deva ser trabalhado somente a partir do momento da puberdade, a fim de evitar que os adolescentes pratiquem o ato sexual de maneira inconsequente. É preciso conceber sexualidade como parte da criança, não como uma etapa de sua vida. Sobre o papel da escola nesse



processo de autodescoberta sexual do aluno, Furlani (2003, p. 68) afirma que “[...] As escolas que não proporcionam a educação sexual a seus alunos e alunas estão educando-os parcialmente”.

SEXUALIDADE: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – ORIENTAÇÃO SEXUAL E BNCC

A sexualidade abrange muito mais do que uma parte do ser humano, ela pode ou não estabelecer relações que compõem outras funções no âmbito social, econômico e emocional da criança durante seu crescimento. A partir desse pressuposto, espera-se que, na escola, onde o indivíduo desenvolve uma parte importante desse processo, exista um suporte pedagógico para que isso ocorra da maneira mais saudável possível. Apesar de se conhecer a dificuldade para inserir tal temática no Projeto Político-Pedagógico da escola, mais ainda em abordá-lo de fato nas salas de aula – por se tratar de um assunto que muitos pais preferem que as crianças aprendam em casa – ainda assim é pertinente, pois como evidencia Louro:

A versão da sexualidade ainda não tolerada (ao menos no currículo escolar) é exercida, entretanto, nas vidas cotidianas das pessoas e no domínio da cultura mais ampla: na literatura, no filme, na música, na dança, nos esportes, na moda e nas piadas. É, com frequência, difícil distinguir, na literatura pedagógica sobre sexualidade, a versão normal da crítica, porque mesmo a versão crítica não consegue ultrapassar o moralismo e as categorias eugenistas da normalização (LOURO, 2013. p. 92).

Como objeto que suscita discussões entre as crianças na escola de diversas maneiras, sexualidade como tema transversal, como sugere os PCN’s – Apresentação dos Temas Transversais e Ética - precisa se dar de modo a estabelecer “na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade)”, promovendo assim “[...] uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção...” ao mesmo tempo que “ abre espaço para a inclusão de saberes extraescolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos” (BRASIL, 2001. p. 40).



Os PCNs ainda trazem em um de seus capítulos, orientações específicas ao tema sexualidade para que o professor possa se guiar com mais facilidade durante as aulas, com menos probabilidade de equívocos, como:

[...] levar em conta a faixa etária com a qual se está trabalhando. [...] estar atento às diferentes formas considerado para as intervenções do professor nas situações de manifestação de sexualidade de seus alunos em sala de aula é o referente aos valores a eles associados. O professor não deve emitir juízo de valor sobre essas atitudes, e sim contextualizá-las. [...]. Os conteúdos trabalhados devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual e intimidades similares são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e adultos, não de crianças (BRASIL, 2001, p. 154).

Na criança, a sexualidade surge com a exploração do próprio corpo, toques e manifestações, muitas vezes involuntárias. Sobre esse processo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Orientação Sexual- esclarecem:

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. [...]. Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou de menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher (BRASIL, 2001. p.117-118).

Para estabelecer questões que se refiram à sexualidade e que devem ou não ser trabalhadas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em específico no 5º Ano, faz-se necessário uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que regulamenta quais conteúdos precisam ser ofertados nesse período da Educação Básica, a fim de afirmar se a temática é tida como essencial ao desenvolvimento do indivíduo segundo o estabelecido no referido documento.

Ao analisar a BNCC, pode-se observar que ela traz a questão sexualidade de maneira implícita, ou seja, cabendo várias interpretações sobre o escopo de seu texto. Na descrição da área Ciências da Natureza, consta, por exemplo:

Nos Anos Iniciais, pretende-se que, em continuidade às abordagens na Educação Infantil, as crianças ampliem os seus conhecimentos e



apreço pelo seu corpo, identifiquem os cuidados necessários para a manutenção da saúde e integridade do organismo e desenvolvam atitudes de respeito e acolhimento pelas diferenças individuais, tanto o que diz respeito à diversidade étnico-cultural quanto em relação à inclusão de alunos da educação especial (BRASIL, 2017 p. 327).

Assim, observa-se que, quando diz que “[...] as crianças ampliem os seus conhecimentos e apreço pelo seu corpo [...]” se entende que o aluno aprenda a se conhecer e a respeitar o corpo do colega ao mesmo tempo em que se relacionam socialmente. E ainda quando traz “[...] desenvolvem atitudes de respeito e acolhimento pelas diferenças individuais [...]” sugere também que respeitem o colega independente de seu gênero sexual, feminino ou masculino. Igualmente, na BNCC, é possível perceber que, no campo de Competências Específicas a serem desenvolvidas durante o Ensino Fundamental, destaca-se “Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro [...]” (BRASIL, 2017, p. 324)”.

Sendo assim, espera-se que o professor se perceba como sujeito partícipe na formação integral de seu aluno e se encarregue de estabelecer meios de responder às dúvidas recorrentes e frequentes dos alunos no que tange à sexualidade respeitando sua faixa etária e etapas de desenvolvimento.

UMA PESQUISA EM CONSTITUIÇÃO A LUZ DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E DOS DOCENTES

Após as leituras pertinentes ao tema, a escolha da escola campo deveu-se ao fato de a pesquisadora ter realizado nela seus estágios, e, assim, ser um ambiente já familiar e oferecer uma relação de confiança com os entrevistados devido à delicadeza do assunto de pesquisa, a sexualidade como tema transversal. A pesquisa se desenvolveu num período de 10 dias letivos, em uma escola da rede municipal de Aragarças-GO, em duas turmas do turno vespertino do 5º Ano do Ensino Fundamental, a primeira, 5º Ano “A” (turma 1) e a segunda, 5º Ano “B” (turma 2). A primeira com 29 alunos e a segunda com 13.

A instituição oferta os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental com 170 alunos matriculados no turno Vespertino com 4º, 5º e 6º ano e 209 estudantes



matriculados no turno Matutino com 7º, 8º e 9º ano. O Centro possui em sua totalidade 14 professores regentes que atuam nos anos iniciais e finais do ensino fundamental e 04 professores para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, 13 professores para o Ensino Fundamental Anos Finais e 05 professoras que acompanham os estudantes que necessitam de atendimento educacional especializado.

Para conhecer com mais ciência os princípios e filosofia da escola campo, fez-se imprescindível uma análise do seu documento norteador, o Projeto Político-Pedagógico³ que traz como objetivo geral da instituição “Possibilitar, por meio das competências e habilidades, o desenvolvimento da capacidade lúdica, cognitiva e operativa dos estudantes, bem como das habilidades do pensamento crítico reflexivo, da interação social, da sensibilidade e da formação ética” (PPP, 2019, p.).

Como o esperado é que a temática sexualidade seja mais comumente abordada nas aulas de Ciências, uma das propostas é que a pesquisa estivesse mais direcionada a essa Disciplina. Contudo, ao analisar o contexto de ensino da turma 1, pluridocente, observou-se que eram pouco recorrentes assuntos que envolvessem a temática em questão. Fato que se confirmou com a entrevista à professora que ministra a Disciplina para a turma. Ela afirmou que “eles nunca fizeram perguntas inquietantes referentes a este assunto”. Embora, segundo a mesma professora, “responderia, se houvessem dúvidas, na medida do que eles precisassem saber”.

Ao analisar a seção do PPP referente à Disciplina de Ciências, constata-se que o documento aborda essa Disciplina como sendo espaço de questionamentos, que se bem aclarados aos estudantes, podem oferecer subsídios para que estes se tornem cidadãos críticos, reflexivos e participativos na sociedade por “[...] ser encarada como atividade humana em processo e com vinculações econômicas, sociais e políticas que, no fazer pedagógico do educador, exige uma abordagem interdisciplinar, a partir de uma metodologia dialógica, problematizadora, flexível e criativa [...]”, ao perceber que “o educando inicia sua relação com o mundo por meio de contatos ambientais e sociais, desencadeando o processo de autoconhecimento, conhecimento do ambiente e das relações existentes” (PPP, 2019, p.).

Contudo, durante o desenvolvimento da pesquisa foi observado que um ambiente onde os alunos se manifestavam com mais frequência no referente à sexualidade era nas aulas de Educação Física, por ser um espaço onde a criança se manifesta com mais naturalidade, pois, como afirma Santin (1987, p. 34), “o movimento



humano pode ser compreendido como uma linguagem, ou seja, como capacidade expressiva”.

Posto assim caberia outra análise do PPP a fim de averiguar no que se refere à Disciplina de Educação Física. Observou-se, então, que o documento a apresenta como uma disciplina que possa oferecer “a todos os alunos a mesma possibilidade de desenvolver, com autonomia, seu potencial, como uma manifestação a mais da personalidade humana e sua relação com os outros” (PPP, 2019), e ainda em conformidade com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “defende-se uma prática baseada no conceito da cultura corporal que abrange, além dos aspectos fisiológicos e técnicos do corpo e do movimento, todas as demais dimensões do ser humano presentes na atividade física” (PPP, 2019, p.).

Assim foi de grande relevância uma entrevista com o professor que leciona a referida Disciplina na turma 1. O professor, graduado em Educação Física, especialista em Atividade Física e Fisiologia do Exercício, esclarece: “tenho dificuldades em desenvolver atividades em grupo com a turma, posto que há uma certa resistência por parte das meninas em trabalhar com os meninos, não se misturam”.

Ainda sobre as atividades, nota-se que as meninas se predispõem a participar de qualquer atividade física, fato este interessante, visto que alguns esportes como o futebol, são tidos por muitos como um esporte predominantemente masculino. O professor afirma também que há um certo desconforto nas aulas de natação, que são oferecidas no contra turno pela instituição, “pois as meninas insistem em ir com vestimentas um tanto provocantes”, apesar da instituição proibir. E acrescenta: “nessa faixa etária (11 anos), os meninos sentem-se atraídos pelas meninas segundo a vestimenta que elas levam, ocasionando então algumas situações embaraçosas para mim durante as aulas”.

Quando questionado se durante as aulas ele já teria passado por situação constrangedora com perguntas sobre a temática sexualidade, ele afirma que sim, dizendo “tento responder de maneira a não ultrapassar o entendimento deles”. Complementa afirmando: “tenho mais facilidade ao responder tais perguntas com os meninos por serem do mesmo sexo”.

Um dado percebido em todas as disciplinas e, em Educação Física com mais clareza talvez, é que as meninas são mais “maduras” que os meninos. Tanto é verdade essa ocorrência, que elas não possuem nenhum interesse sexual nos meninos com os



quais compartilham sala, mas sim com os das turmas do 6º ano. Esse dado foi corroborado tanto pela professora de Ciências da turma quanto pelo professor de Educação Física.

Já na turma 2, que possui uma única professora, graduada em Pedagogia, observa-se que são crianças mais infantis por assim dizer e não possuem problemas em se relacionarem entre eles no que concerne ao gênero sexual. A esse respeito, a professora afirma: “apesar de não ter dificuldade para trabalhar com essas questões”, não costuma partir dela assuntos referentes à sexualidade, mas que quando ocorrem, “respondo conforme as necessidades deles e segundo surjam as curiosidades”.

Ainda na turma 2, em uma das aulas, chegou-se à questão de higiene corporal e a professora abordou com eles as diferenças dos odores das meninas e dos meninos, que são diferentes por questões hormonais. O assunto se deu de maneira que principiou outro tema, a menstruação. E outra vez a professora respondeu de maneira clara e objetiva que “a menstruação se tratava de um processo natural de toda mulher e que não havia necessidade de se envergonhar por isso”. O interessante é que os alunos não se escandalizaram com a abordagem da professora, o que leva a crer que ela possui uma relação de diálogo aberto constante com seus alunos, apesar de eles serem tão “infantis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os aspectos a serem considerados antes de pensar em Orientação Sexual nas escolas. Espera-se que dialogar sobre sexualidade em sala de aula seja mais que discorrer sobre higiene pessoal e prevenção acerca de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, em uma abordagem biológico-higienista, trata-se de entender a criança como um indivíduo em fase de desenvolvimento e se importar com esse processo. Assim, oferecer orientação sexual é se comprometer com a evolução psíquica e social do educando.

Visto assim, a escolha da temática é de fundamental relevância para estudos acadêmicos posteriores, pois se observa que há pouco material bibliográfico acerca desse tema. Durante a pesquisa, esse fato pôde ser percebido uma vez que para os professores é delicado tratar sobre o tema muitas vezes por não se sentirem preparados,



reforçando a importância de haver formação continuada a fim de preparar o educador para quando for pertinente a abordagem em sala de aula.

No decorrer da pesquisa de campo, notou-se que os alunos possuem sim questionamentos e dúvidas que envolvem de alguma maneira a sexualidade. Desse modo, os professores respondem a esses questionamentos na medida do que lhes pareça necessário à idade da criança. Muitas vezes, essas dúvidas surgem de maneira tímida durante as aulas cabendo ao professor perceber e tentar saná-las na medida do possível.

Atualmente, dialogar com as crianças sobre sexualidade no ambiente escolar se trata de romper paradigmas e não somente de estar preparado didaticamente porque esse processo supõe romper barreiras de preconceitos e intolerâncias enraizadas no contexto histórico-cultural escolar. E ainda com todos os aportes teóricos, uma educação sexual que atenda às necessidades dos alunos é uma realidade pouco percebida nos ambientes escolares, mas que angaria seu lugar a cada dia.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília, 2001.

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética**. Brasília, 2001.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução do artigo: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 83-111.

CENTRO MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL Professor José Nogueira de Moraes, Aragarças, 2019. Dados sobre o Projeto Político-Pedagógico.

FIORI, Wagner da Rocha. **Teorias do Desenvolvimento: Conceitos fundamentais: modelo psicanalítico**. São Paulo. Cortez, 2003.

FURLANI, Jimena. Educação sexual – Possibilidades didáticas. In: Louro, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 66-81.

_____. Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.



JEFFREY, Weeks. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução do artigo: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 35-81.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 9-34.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 125-150.

SANTIN, Silvino. **Educação Física**: uma abordagem filosófica da corporeidade. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.